Adilson e o cesto do tesouro

Histórias da Vovó Circe

por Circe Palma

Histórias da Vovó Circe para Victor

Escrito pela Vovó Circe Palma
Ilustrado pela Lais Gubert Garcia
Editado pela Bruna Figueiredo
@Porto Alegre, 2020

Adilson e o Cesto do Tesouro

Adilson era um pirata diferente. Bonzinho, calmo e não gostava de brigar. Sim, tinha um gancho na mão, mas não foi um jacaré que comeu a mão dele. Foi num acidente, deixou a mão embaixo de uma navalha. *Ai, credo, disse a menina. Mas você não quer saber a história verdadeira, neh?*
Não. Eu quero que você me conte a história do cesto, papai.

Bem, então foi assim. Um belo dia o Adilson estava no seu navio, com todos os outros marujos quando, de repente, eles ouviram um barulho muito forte. Ficaram com muito medo, pois sabiam que o som poderia vir de ondas muito grandes ou de pterossauros, que as vezes passavam voando, montados por alguns zumbis. Então Adilson decidiu ir para o porão do navio e ficou lá por horas e horas. *Fazendo o quê? Ainda não sei disse o pai.*

Na verdade, o barulho vinha de ondas gigantes que começaram a balançar o navio, pois uma enorme tempestade se aproximava. Os zumbis fugiram voando nos dinossauros voadores, os pterossauros. Os marujos...*Quem são os marujos? São os homens que ficam nos navios trabalhando. No quê? Em muitas coisas. Tá. Continua papai.* Os marujos correram para se esconder com medo dos zumbis, muito mais do que da tempestade. O navio começou a balançar, balançar e as velas rasgaram. Todas? Sim. Todas. Não sobrou nenhuma. *E, você sabe, neh, filha? Sem velas o navio não pode seguir sua rota através do vento. É mesmo. Não tinha lembrado disto. E o que fizeram eles?* Gritaram. Berraram. E depois que a tempestade acalmou, se levantaram do chão. Tinha marujo por todo o canto. No convés, na proa, na popa, a bombordo, a estibordo. *O que é isto papai? Estes bordos todos? É na frente, atrás. E até no porão. Ah, tá.* Os mais medrosos se esconderam no porão.

E o Adilson? Quieto, num canto do porão, abraçado no Cesto do Tesouro. Não queria nem lembrar que tinha visto alguns zumbis. Morria de medo. Na verdade estava até meio branco. *Com medo? É, talvez.* Mas não medo só da tempestade e dos zumbis. Medo de que lhe roubassem o Cesto. *O que tinha lá?* Hummm. Isso era um mistério que todos os outros piratas queriam muito saber. O cesto não era muito grande. Vermelho, de madeira com faixas pretas de latão. Para que fosse possível prender a tampa. *Tinha um cadeado? Sim, um de bronze, bem grandão. Papai, o que é bronze? Um metal muito pesado e duro. Ah, tá. E aí?*

Aí ele ficou apavorado quando os outros desceram para o porão. Pensou: Será que são os zumbis? Eles vão querer meu cesto, mas eu não vou dar. E aí, Adilson? Perguntou Palito, o pirata mais velho da turma. Era grandão e bem gordo. O que é? Mostra para gente o seu Cesto. Nem pensar. O olho que não estava tapado piscou para os amigos, em um sinal combinado, e todos se atiraram em cima do Adilson. *E aí?* Aí veio uma onda muito grande que balançou o navio e jogou todos eles contra a parede do porão. O Adilson, então, aproveitou e correu para outro esconderijo. Onde ele foi? Perguntou Palito. Não vi, nem eu, responderam os outros. Adilson, muito ágil, tinha entrado dentro de um tonel de madeira que havia num canto. Ficou tão quieto que quase nem se ouvia a respiração.

De repente, o mar se acalmou, as ondas já não ficaram grandes. E os zumbis tinham ido embora. A tempestade passou e agora eles navegavam em águas bem tranquilas. O capitão dos piratas chamou a todos para contar quantos tinham sobrado e quantos haviam caído no mar. Conta, conta..... e o Adilson? perguntou ele. Alguém viu o Adilson? Silêncio. Ninguém viu? Eu vi. Onde? No porão. Todos correram para o porão, mas nem sinal do pirata bonzinho. Hummm, será que ele levou consigo o Cesto do Tesouro? Vocês querem saber do Adilson ou do Cesto? perguntou o capitão, um pouco indignado. Do Cesto, responderam em coro. Mas o que tem neste bendito cesto? *E o que é papai*? pergunta a menina, muito curiosa. *Ah, filha, nem queira saber*. Diga papai. É o que queremos saber, disseram os marujos. Muito bem, disse o Capitão, todos para o convés. Precisamos costurar as velas e concertar os estragos do navio.

Os dinossauros voadores quebraram alguns dos mastros. Eiitaaaa, que trabalheira, disse o Palito. O que foi? Perguntou o capitão. Tá achando ruim? Você vai caminhar na prancha e não são só os tubarões que o esperam. Os zumbis e os dinossauros voadores também virão buscá-lo. Tudo bem seu capitão. Eu tava só brincando!!

O capitão decidiu seguir a viagem pelos mares. Vamos zarpar, com o Adilson ou sem ele. Deve ter caído no mar. Mas e o Cesto? diz Palito. Vamos procurar. E saem todos pelo navio afora, afim de encontrar o Cesto ou o Adilson. *E encontram? Não, filha. Se conformaram? Também não.* Continuavam procurando por todo o navio. Foram na casa de máquinas, na cozinha, embaixo da cama do capitão. Enfim, não tinha lugar que não olhassem. Mas onde estaria o pirata? Escondido dentro do tonel, o pobre Adilson já estava todo doído porque não podia se espreguiçar. *E tava segurando o Cesto, papai? Sim, claro. Bem apertado junto ao peito. Ele não tava com fome? Tava, filha, mas como ia comer naquela situação? Ah, pobre do Adilson, disse a menina.*

De repente o pirata ouviu passos na escada que desciam para o porão. Ai, não. Vão me achar, pensou ele. A estas alturas não sabia nem se queria mesmo ser encontrado, estava morrendo de fome e todo doído. Vamos embora. Aqui ele não está, disse um dos marujos. Ufaa! Adilson suspirou aliviado. Por pouco não me acham. Mas eu ainda tô com fome. Preciso fazer alguma coisa. E decidiu que iria, na calada da noite até a cozinha. *Papai? Sim. Porque a noite é calada? Noite não fala. Filha isto quer dizer que é no meio da noite. Humm! Que estranho!*

Ele esperou, esperou e quando pensou que todos deveriam estar dormindo, saiu bem devagarinho do tonel e foi até a cozinha. *E o Cesto?* A menina perguntou, curiosa. *Ele amarrou na cintura. Mas não era muito pesado? Era, mas ele era muito forte e aguentava qualquer sacrifício para proteger o seu tesouro. O do Cesto? Claro. Ah, tá. E aí?* Aí ele chegou em frente a geladeira pegou um pedaço de presunto bem grande. Quando já havia comido até a metade, ouviu passos e um barulho muito forte. Corram todos a seus postos! O capitão gritava bem alto para acordar todos porque o navio tinha batido num enorme pedaço de gelo que estava flutuando perdido no mar. *Era um iceberg, papai? Sim. E um dos grandes. E porque ele estava perdido. Isto eu não sei minha filha. Tá bom, mas e aí?*

Aí o navio balançou, balançou até que o casco rachou ao meio e o navio começou a afundar. *Credo, disse a menina. E todo mundo?* Ah, foi um salve-se quem puder. Alguns nadaram, outros se afogaram e outros entraram nos botes salva vidas e se mandaram remando até com as mãos. *Que tristeza, disse a menina. Pois é. E o Adilson?* Nadou agarrado num pedaço de madeira e ficou horas no mar à deriva. *Papai? À deriva quer dizer boiando, respondeu o pai, antes mesmo da pergunta. Tá. E o Cesto do Tesouro? Amarrado nas costas dele. Ainda bem, neh? Papai, Já pensou se ele perdesse o Cesto? A gente não ficaria sabendo o que era o tesouro.*

O fato é que ele conseguiu nadar até chegar numa ilha. Adilson acordou-se na praia. Assustado, ele logo foi conferir se o tesouro ainda estava lá. *E estava? Sim. Felizmente.* Mas ficou muito triste quando abriu o cesto. *Porque?* Seu tesouro estava todo molhado. Talvez estivesse até inutilizado. *Mas o que era? Calma filha, já vamos descobrir.* Caminhou meio cambaleando, até ficar em um local seco. E colocou o caderno com as folhas abertas ao sol para secar. *Um caderno? Este era o tesouro? perguntou a menina, um tanto desolada. Só um caderno? Não filha. Neste caderno Adilson registrava tudo o que lhe acontecia de mais importante. Ah, então era um diário. Sim. E daí, papai? Continua.*

Bem, feito isto o pirata ficou olhando para ver se não tinham se apagado alguns dos escritos. *E não tinha?* Não. Tava tudo lá porque ele tinha escrito com uma caneta especial que nunca apagava. Hummm! Esperou um tempo até que ficasse bem seco, fechou o caderno e colocou de novo no Cesto do Tesouro. *Sim porque seu caderno era um tesouro, certo? Claro. Um diário é um grande tesouro, concordou a garota.* Adilson estava assustado e com fome novamente.

Ele era muito gordo e sempre queria comer. O que vou fazer, pensou ele. E avistou algumas bananeiras. Oba! Vou pegar umas bananas. Eu adoro bananas! Feliz da vida, correu até a primeira, que estava mais próxima. Para subir teve que desamarrar o Cesto da cintura e deixá-lo na areia. Quando estava quase alcançando um dos cachos, ouviu gritos estranhos. *O que era? Macacos? Não. Eram Zumbis.* Vinham em grupos, em hordas, alguns montados em dinossauros. Grunhiam e gritavam se aproximando da bananeira onde estava Adilson, como a querer falar com ele. Nossa, pensou Adilson! O que será que eles querem. Logo descobriu. O maior dos dinossauros, simplesmente abaixou a cabeça e o zumbi, que estava montado nele, logo pegou no braço do Adilson. Exatamente aquele que estava segurando o Cesto do tesouro. Adilson e o Zumbi, que era muito feio e horripilante, entraram em luta corporal. Os dois caíram no chão.

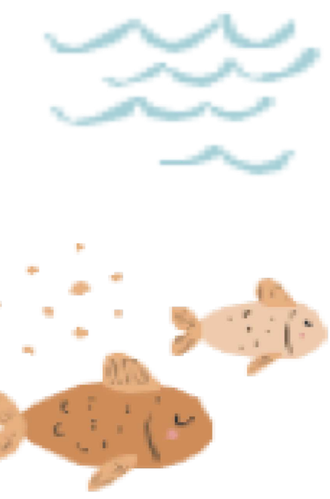
O zumbi, desceu do dinossauro e o pirata caiu da bananeira mesmo. Ficou estatelado no chão, agarrado no cesto e o zumbi, junto com os outros se aproximava cada vez mais perto. Adilson correu para se esconder, mas um enorme pterossauro, com um bico cheio de dentes pegou o cesto e saiu voando. Um dos zumbis deu um assovio e o enorme animal fez meia volta no céu e pousou ao lado do seu cavaleiro. Um zumbi bem mandão e até um pouco simpático. *Mas, e o Cesto?* Ainda no bico do pterossauro. Larga aqui, Jack fez sinal com a mão, enfaixada e sangrando, normal para os zumbis. Não podia falar porque sua boca costurada não permitia. *Ai, credo! Mas como é que ele assoviou? Foi outro zumbi. Um que não tinha as orelhas e um olho, mas a boca não estava costurada. Ah, bom! E aí?*

Aí, eles pegaram o Cesto e fugiram em meio a mata. *Coitado do Adilson, disse a menina. Pois é, concordou o pai. E o que ele fez? Saiu numa corrida desabalada atrás dos zumbis. Papai, o que é desabalada? Hummm, é assim... loucamente. Ah, tá. E aí? Bem, aí aconteceu uma coisa muito estranha.* O quê? Quanto mais Adilson corria mais confuso ele ficava. Não via mais a praia, ou a mata e nem as árvores. Ele havia entrado numa caverna. Que lugar assustador, ele pensou. Ela era toda cheia de ossos e caveiras espalhados pelo chão. Nas paredes havia metros de teias que pareciam ser de enormes aranhas e outros animais com muitas patas. Quanto mais entrava mais se assustava e, pior, não conseguia voltar. De repente ele ficou muito confuso, com uma dor de cabeça muito forte e fechou os olhos. Quando abriu estava na terra dos zumbis. Ele havia entrado num portal do tempo e, agora, estava perdido na cidade dos zumbis. Havia milhares deles. Voavam montados nos pterossauros de vários tamanhos. Milhares de zumbis olhavam para ele. Tinham olhos, papai? Alguns nem tinham, mas seguiam aqueles que ainda tinham. Não falavam, mas Adilson pensava que eles queriam o seu cesto, mas não. Eles queriam mesmo era o cérebro do Adilson. *Ai, credo Papai? Porquê? Porque é isto o que os zumbis mais gostam de comer, além de carne humana, é claro. E o que o Adilson fez papai?*

Adilson estava completamente perdido. E ele também não via mais a praia. E agora? Sem saber onde estou. Sem meu precioso tesouro. Pensou que se chorasse tudo ficaria bem depois. *E ficou? Não porque ele não chorou. Mas porque não chorou?* Ora, pensou em seguida. Um pirata como eu, forte, com um gancho na ponta do braço, não posso ficar aqui chorando, com medo destes zumbis que nem são tão horríveis assim. Mentira, são sim, admitiu. Mas decidido que era, resolveu. Vou encontrar meu tesouro e pronto. Haja o que houver eu vou encontrá-lo. *Isto Adilson! Disse a menina, concordando com ele.*

Correu muito, fugindo dos zumbis que vinham atrás dele, mas conseguiu despistar alguns e entrou num corredor de pedra, com paredes bem altas dos dois lados. Pensou que do outro lado poderia estar a praia. Mas o tal corredor parecia não ter fim e ele foi ficando cansado até que encostou-se num galho seco que havia no caminho e ali mesmo dormiu. Quando acordou, já era noite e estava tudo escuro. *Ai, que medo, papai. O que ele fez? Ficou quieto, esperando amanhecer. E os zumbis, papai? Calma, filha. Aos primeiros raios do sol, o pirata seguiu pelo corredor. Ele saiu da caverna? Onde ele ia?*

Adivinha. Seguia seu instinto e buscava pistas. Até que chegou num enorme altar de pedra com vários pedaços de corpo humano amarrados uns aos outros. Ai, não! Disse ele. Assim, já é demais. O que é isso, minha gente? *E o Cesto, papai? Onde estava?* Bem em cima do altar. Ai, não. Gritou a menina! Adilson, nem pensou duas vezes. Disse a si mesmo. Vai Adilson! é pegar ou largar. E foi. Pegou o cesto e desatou a correr pelo outro lado do corredor, que agora se transformara em um rio, com uma correnteza muito forte. Se atirou na água, enquanto o zumbi, que era o dono da cidade, o Jack, corria atrás dele. *Aquele lá da praia? Ele mesmo. E aí?*



Adilson, que era marujo e sabia nadar, pensou que ia dar conta daquela água toda. Só que não. O peso do cadeado do cesto, fez ele afundar, afundar, afundar e quanto mais ele olhava para cima mais longe ficava a superfície da água. *Coitado, papai, morreu*?

Não. Se acordou na praia. Saiu da cidade dos zumbis, então? Sim. O portal do tempo se fechou com a força da água e ele submergiu até chegar noutro tempo. E o melhor de tudo, tinha salvado o seu tesouro. Mas quando olhou dentro do cesto, o caderno não estava mais ali. *Ai, não, disse a garota.*

Ele caminhou, caminhou, muito triste, até que avistou novamente as bananeiras. Mas tinha um grupo de zumbis reunidos perto delas. Obaaa. Estou perto, pensou ele. *Perto de quê? Pergunta a garota. Perto de comer eu acho, responde o pai.* Mas, e se eles estiverem esperando por mim? Pensou o pirata. Desta vez Adilson sentiu muito medo mesmo. Subiu novamente em uma das árvores e ficou atento olhando. As bananas? Não, o movimento dos zumbis. Percebeu que havia poucos dinossauros ali. Mas viu um pequeno pterossauro, pouco maior que uma pomba, ao lado de um dos zumbis. E ele estava em cima do tesouro do Adilson. O caderno estava fechado e parecia estar inteiro. O coração do pirata bateu mais forte e ele se sentiu mais corajoso do que nunca. Desceu correndo e foi até eles. Chegando perto, fez caretas, pulou, deu gritos horripilantes. Os zumbis e os dinossauros nem se abalaram. Ficaram só olhando e, lentamente, caminharam em direção do Adilson. Ichh, agora tô ferrado, pensou ele. Mas decidiu ficar bem quieto. Afinal alguns dos zumbis nem olho tinham, outros só a metade da cabeça. Então, não podiam nem ver direito e nem ouvir muito bem. E além do mais, com o pouco de cérebro que lhes restava, não tinham como raciocinar para saber o que pretendia o Adilson.

E o *pterossauro e os outros dinossauros*? O que fizeram? Nada. Eles só obedeciam os zumbis. E estes, estavam tipo “fora da casinha” mesmo. Só caminhavam de um lado para outro e não percebiam o Adilson.

O pirata, que não era nem um pouco bobo, atirou uma pedrinha no pterossauro que estava em cima do seu tesouro. O animal voou e pousou no ombro do Jack.

Adilson , num movimento muito rápido pegou o caderno, as folhas soltas, arrumou todinhas bem ligeiro e organizou novamente o caderno. E fugiu em disparada.

Escolheu um lugar seguro, onde os zumbis e os dinossauros, provavelmente nunca iriam, e sentou-se numa enorme pedra, bem alta. Dali podia avistar boa parte do mar e se visse alguma embarcação talvez ele pudesse ser salvo. Enquanto isto não acontecia, pegou o lápis mágico, cuja tinta nunca apagava e começou a escrever. *Mas onde estava o lápis?* No bolsinho interno de seu casaco. Ele nunca guardava em outro lugar. Sempre o tinha consigo. E começou a escrever.

Querido diário!

Você não imagina tudo o que me aconteceu. Olha só. Um dia .....

Quando havia escrito algumas páginas, avistou, no horizonte, uma pequena embarcação.

Adilson escreveu, então: E daí veio um grande navio e me resgatou da ilha.

Ainda bem, neh, papai? Eu já estava ficando triste pelo Adilson. Papai, posso ter um diário também?

Fim!